

*Lua Nova do Penar*¹

*Leila Jinkings*²

*Sidnei Pires*³

Orientador: Alexandre Figueroa

Universidade Católica de Pernambuco - Recife, PE

*Entre Marília e a Pátria /
Coloquei meu coração. /
A Pátria roubou-mo todo, /
Marília que chore em vão.
(Frei Caneca)*

RESUMO

Lua Nova do Penar, documentário de 30 minutos, conta a história de Hiram de Lima Pereira, assassinado pela repressão na ditadura implantada com o Golpe de 1964. Desaparecido em janeiro de 1975, o jornalista, ator, poeta e militante comunista deixou gravada a forte personalidade de um homem alegre e solidário. O aspecto humano é o interesse central. O homem, o pai, o amigo. Aspecto marcante é a relação com as filhas Nadja, Sacha Lídice, Zodja e Hânia, do casamento com Célia Pereira, musicista e poeta. Segundo as filhas, não havia assunto proibido na casa que, embora simples, estava sempre aberta a receber amigos. Hiram e Célia casaram em 1940, em Caicó (RN). Os aproximava também a paixão pela arte. Os dois escreviam poesias e, ao ir para Natal (RN), passaram a se dedicar ao teatro. Quase 40 anos depois de seu desaparecimento, as quatro filhas se encontram para falar sobre o pai.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura, desaparecidos políticos, resistência democrática, Golpe de 1964.

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade filme documentário.

² Aluno líder do grupo, recém-formado no Curso Jornalismo, email: leilajink@gmail.com

³ Estudante recém-formado no Curso Jornalismo email: sliberal@uol.com.br

1. INTRODUÇÃO

Depois de quase 50 anos do Golpe Militar, nos últimos anos, após a instalação da Comissão da Verdade - nacional e nos estados - a verdade começa a surgir lentamente. Trata-se de um dos momentos mais importantes para os que lutaram contra a mais longa e cruel ditadura que o Brasil experimentou (1964-1985) e para os que sofreram as dores de perder membros da família e amigos ou assistiram o sofrimento daqueles que foram condenados ao exílio e dos torturados. A história do país está sendo reescrita.

O documentário Lua Nova do Penar resgata a história de Hiram de Lima Pereira, jornalista, poeta, ator, militante comunista, que desapareceu após ser capturado pelo Dops paulista. Hiram nasceu em Caicó, Rio Grande do Norte, em 1913, e cedo começa a trabalhar como jornalista. Casa-se com a musicista Célia Pereira em 1940, ainda em Caicó. O que os aproximava, além do sentimento amoroso, era a paixão pela arte. Os dois escreviam poesias e, ao ir para Natal, passaram a se dedicar ao teatro. Do casamento nasceram quatro filhas: Nadja (19420, Sacha Lídice (1944), Zodja (1946) e Hânia (1961).

Paulo Cavalcanti conta, no livro "O caso eu conto como o caso foi", volume 3, lançado em 1982, que Hiram foi para o Rio de Janeiro em 1935. Foi preso em 1937 por obra do acaso, ignorando que o companheiro de quarto era do Partido Comunista. Na cadeia ele conviveu com grandes lideranças do movimento de 1935, deles recebendo as primeiras luzes do marxismo. Foi um curso completo. Dez anos depois, em 1946, Hiram foi eleito Deputado Federal pelo PCB, no Rio Grande do Norte.

Em 1949 vai com a família para Recife, onde ele e Célia continuam as atividades artísticas e culturais. Hiram dirige o jornal Folha do Povo, órgão oficial do Partido Comunista, e é nomeado secretário municipal na administração de Miguel Arraes de 1959 a 1962. Nada o afasta do teatro: Hermilo Borba Filho, ao fundar o Tetro Popular do Nordeste-TPN, em 1960, convida Hiram para participar da peça de estreia, A Pena e a Lei. Leda Alves, Ariano Suassuna e José Pimentel, todos citam na entrevista a atuação de Hiram como o padre Antonio. Mais tarde, deflagrado o Golpe de 1964, a experiência como ator iria ajudá-lo a despistar a polícia que o perseguia, disfarçado nos personagens que inventava.

A partir do dia 1º de abril de 1964, Hiram é perseguido e cai na clandestinidade. O IV exército invade sua casa e leva reféns, durante 15 dias, Célia Pereira e a filha, Sacha

Lídice, além dos noivos de Sacha e de Nadja, Nathánias e Ardigam. Hiram, escondido na casa de Ariano Suassuna, a pedido de Leda Alves e Hermilo Borba Filho, quase se entrega, abalado por ver a família apreendida.

Antes de ir para a casa de Ariano, Hiram esteve na casa do maestro Waldemar de Almeida, padrinho de Hânia, e depois no Seminário de Olinda, sob a atenção de Dom Helder. Muitas foram as manifestações de solidariedade de amigos e admiradores. Ao sair do seminário ele ficou um tempo na casa de Rands (pai do deputado federal Maurício Rands), em Boa Viagem. De lá foi para casa de Ariano, onde ficou cerca de dois meses, saindo de lá para a casa de Hugo Martins, militante do partido e que aguardava providências do partido para a rota de fuga de Hiram para São Paulo.

Pelos idos de 1965 a início de 1966, foram todos para São Paulo, onde Hiram poderia se movimentar melhor, devido ao tamanho da metrópole, que lhe garantia certo anonimato. Usava identidades diferentes, o tratamento mais comum era "Velho". Hânia, ainda pequena, morava com Hiram e Célia. Conta que o pai a levava muito ao cinema e a todas as peças de teatro. Hiram tinha os documentos como José Vanildo de Oliveira Almeida, parente do genro Ardigam, morto logo após o golpe de Estado.

Apesar da perseguição, Hiram estava sempre próximo à família. Faziam churrascos, reuniam-se aos domingos e datas festivas. Na passagem de ano 1974/1975 avistaram o pai pela última vez. Viria novamente em 15 de janeiro, quando traria discos de MPB recém-lançados para ouvirem. Não veio. Não apareceu no "ponto" marcado com a esposa no dia 9 e nem no dia 13 de janeiro. No dia 15, agentes do DOI CODI invadiram a casa e levaram Célia, que nunca pertenceu ao Partido, para "interrogatório". Foram três dias de tortura. Em uma das sessões, Célia vislumbrou alguém encapuzado que ela tem certeza ser o marido, pelas características físicas. Dias depois, levaram as filhas Zodja e Sacha, encapuzadas, para um depoimento cheio de ameaças e de provocações. Célia sentiu ali que Hiram fora assassinado.

Hiram era membro do Comitê Central e uma pessoa chave para a veiculação da Voz Operária, órgão nacional do PCB. Vinha sentindo-se observado. "Se eu for preso sou um homem morto, pois não aguento tortura e não tenho nada a declarar". Recomendou ainda às filhas que, se fossem interrogadas, não se preocupassem em esconder ou inventar nada, dissessem a verdade, apenas.

Depois disso, elas só tiveram notícias por meio do terrível depoimento do sargento Marivaldo à revista *Veja*, em 1998, onde ele conta o terrível fim que davam aos que caíam nas malhas da repressão.

2. OBJETIVO

Este trabalho tem o objetivo de resgatar o nome de Hiram de Lima Pereira das listas e estatísticas dos bancos de dados de vítimas da ditadura, ao retratar sua trajetória de vida e de luta. Mostrar a figura humana de um desaparecido e, ao mesmo tempo, mostrar um pedaço desse momento da história de trevas e de luta por democracia, que ainda é um buraco negro. Trazer à luz um pedaço do momento histórico vivido intensamente por Hiram de Lima Pereira e torná-lo presente na memória viva do país. Mostrar à atual e às próximas gerações, um pouco do que foi o clima de perseguição e medo, em 1964 e na década posterior.

3. JUSTIFICATIVA

A partir da história de Hiram de Lima Pereira, se percorre um trecho obscuro da história do país, desde o decênio que antecedeu o golpe de 1964 até os 10 anos posteriores. Desaparecido em janeiro de 1975, o jornalista, ator e poeta Hiram de Lima Pereira deixou gravada a forte personalidade de um homem alegre e solidário. Um "boa praça", que gostava de contar piadas e promovia divertidos saraus poéticos e musicais em sua casa, quando recitava poemas, cantava e fazia mágicas.

Com o documentário *Lua Nova do Penar*, espera-se trazer à memória viva, alguém relevante na vida de Pernambuco, que participou de um momento muito rico da vida política e cultural. Foi um dos fundadores do MCP e do TPN, foi secretário municipal de administração na gestão Miguel Arraes, participava ativamente da Associação de Imprensa de Pernambuco e da vida social e política do Recife. Espera-se que Hiram deixe de ser um nome na lista dos desaparecidos na ditadura, tornando-se presente na memória.

O aspecto humano é o interesse central. O homem, o pai, o amigo. Aspecto marcante é a relação com as filhas Nadja, Sacha Lídice, Zodja e Hânia, do casamento com

Célia Pereira, musicista e poeta. Segundo as filhas, não havia assunto proibido na casa que, embora simples, estava sempre aberta a receber amigos.

A extensa correspondência de Hiram com as filhas trás ricas reflexões humanas, comentários conjunturais, filosofia. Hiram comenta o momento político, cita as pessoas próximas a ele, gente da política, gente do teatro. A casa dele era frequentada de Procópio Ferreira a Carlos Prestes. Na ideia da convivência há, ainda, a imagem forte da presença da música no cotidiano da família.

Foi preso em 1937 por obra do acaso, ignorando que o companheiro de quarto era do Partido Comunista. Foi na cadeia que recebeu as primeiras luzes do marxismo, da convivência com as grandes lideranças do movimento de 1935, na ditadura Vargas, na Casa de Detenção do Distrito Federal (Rio de Janeiro). Um curso de marxismo completo organizado na prisão. Saiu de lá convicto e, dez anos depois, em 1946, Hiram foi eleito deputado pelo PCB, no Rio Grande do Norte. Com o bom humor peculiar, na cadeia ainda compõe um samba de breque, que as filhas cantam: "Não é conversa para rir".

Hiram de Lima Pereira foi uma pessoa que se dedicava àquilo que acreditava. Ele acreditava no teatro, era um ótimo ator (diz Leda Alves e também Ariano Suassuna). Era muito engraçado, estava sempre de bom humor e era amigo solidário, contam os colegas do TPN. Participava ativamente dos movimentos que buscavam valorizar o teatro. Há teses dele apresentadas em congressos. Acreditava no papel social do jornalismo, escrevia artigos diário no jornal Folha do Povo, que gerenciava. Por fim acreditava que poderia construir um mundo mais justo e igualitário. Não abriu mão de lutar por isso até os últimos dias de sua vida.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A concepção do filme é de uma narrativa a partir dos depoimentos, no estilo *talking head*, com a cobertura de imagens de arquivo e produzidas pela equipe, quando for o caso. O estilo, que usado em demasia, pode tornar o filme enfadonho, é revestido de graça especial quando se trata de Leda Alves e Ariano Suassuna, com grande capacidade narrativa com características imagéticas, por exemplo, e pela informalidade e despreendimento das filhas, que contam casos, cantam músicas de autoria Hiram e de

preferência dele, além de músicas compostas por uma das filhas. Sem esquecer de mencionar a obra de Célia, com duas das músicas usadas na trilha do documentário.

Há momentos de lembranças do convívio de um dos netos de Hiram, aos 8 anos, em que surge a *voz over* - representada - do neto. Uso de letreiros em 3 momentos mais informativos e pesados, sem interesse dramático.

São numerosas as imagens coletadas. Álbum de família, recortes de jornais e revistas, folhetos do teatro, documentos de todo tipo: publicações, artigos publicados, menções em livros. Imagens de arquivo sobre o assunto ou da época, que contribuem para reproduzir o cenário do período.

Em contrapartida ao horror da repressão há aspectos ora líricos ora hilários ora tristes do convívio do companheiro, do pai, do avô com a família. Hiram tinha uma ligação forte demais com essa família, de quem, até os últimos dias de vida, não conseguia passar muitos dias afastado. Estiveram reunidos, a família e ele, na última passagem de ano 1974/1975. Depois o silêncio. No dia 9 de janeiro já não compareceu ao "ponto" com a mulher, Célia.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Tomamos conhecimento da história de Hiram de Lima Pereira ao pesquisar sobre desaparecidos e Comissão da Verdade. Sensibilizou-nos imediatamente o tipo humano e alegre, paralelo à firmeza de caráter e generosidade que o caracterizava. Multifacetário, ele fazia teatro, música, poesia, escrevia artigos para o jornal, foi servidor público e era um comunista com a correta concepção da dialética marxista que contempla a permanente abertura para novas ideias. Optamos por fazer um documentário sobre Hiram para o TCC.

Durante a apuração inicial nos comoveu outras facetas de Hiram, como a dedicação à família e a relação carinhosa e estreita com as filhas. Em uma das primeiras entrevistas de apuração, Sineide Vidal contou-nos como um dia foi convidada por Sacha, a segunda filha, para morar com eles. Por volta de 1960, Sineide e as filhas de Hiram eram colegas no colégio Pedro Augusto. Sineide, recém-chegada do sertão paraibano, estava insatisfeita com a pensão onde morava no Recife e comentou com Sacha, que prontamente a convidou para ir morar na casa dela. Sineide conta que foi recebida com muito carinho na família. Incorporou-se tanto que foi a Hiram que o noivo pediu sua mão. Sineide falou da

generosidade "absurda do seu Hiram" e de como ele era um pai sempre presente. Passado mais de meio século, ela não tivera mais contato com a família, mas todas as vezes que ouvia "Guarania da Lua Nova" lembrava-se de Hiram. Problemas de saúde impediram Sineide de prestar o depoimento, agendado com antecedência.

Coseguimos o contato de Zodja, a terceira filha, que mora em São Paulo, e conversamos longamente com ela. Percebemos certa resistência dela em falar sobre o assunto, não tinha vontade de falar sobre tanto sofrimento. Falamos nossa intenção de falar de Hiram como ser humano, como pai, amigo, etc. O foco não era apenas resgatar a trajetória política. Dessa forma ela sensibilizou-se e passou a colaborar. No contato com as demais filhas, repetiu-se, inicialmente, a resistência. Nenhuma mora em Recife: duas em São Paulo e duas em Natal.

Depois de muita negociação conseguimos trazê-las a Recife. A intenção era juntar as filhas e ouvir o que tinham para contar, provocar algumas situações e deixar as coisas acontecerem naturalmente. E a partir daí traçar a linha narrativa. O encontro seria (e foi) o "start". Para a realização das imagens, locamos equipamentos (2 câmeras e microfones direcionais) e contratamos dois cinegrafistas da equipe da Unicap fora do expediente, por ser final de semana e a única data viável para que todas estivessem presentes.

O "encontro das quatro" reforçou a ideia inicial de valorizar a relação de Hiram com a família, uma das mais marcantes características de Hiram. Mais além, procurar revelar um pouco da alma, da alegria de viver e a sua crença em um futuro melhor para a humanidade.

Ao longo das entrevistas pudemos perceber que havia uma profunda harmonia nos olhares e sentidos sobre Hiram. Pessoas que não comungavam de sua ideologia o admiravam e foram solidárias, caso de Ariano Suassuna e setores da igreja, com destaque para Dom Helder. A abertura que ele tinha com as filhas, ele estendia à juventude. Marcelo Mario de Melo diz: "ele tratava a juventude de igual pra igual", não se julgava superior por ter mais conhecimento do marxismo. Dos colegas ouvimos que era muito querido e "estava sempre de bom humor, não tinha tempo ruim", como testemunha José Pimentel, no que concorda Leda Alves. As filhas que moram em Natal, Hânia e Sacha deram o depoimento individual após o encontro, quando a equipe deslocou-se até lá. Em Natal também depôs Nathánias, ex-marido de Sacha.

Tudo nos levou a adotar uma narrativa lúdica, com testemunhos de momentos afetivos, outros históricos. Optamos por conduzir a narrativa a partir dos testemunhos. A música foi se impondo naturalmente e aos poucos já tínhamos uma trilha riquíssima. Célia Pereira era musicista e compôs duas peças maravilhosas, que foram incorporadas à trilha, "Falando ao Coração", tocada pela pianista Luiza Dantas e "Reminiscência", tocada pela filha Nadja. O próprio Hiram compôs um samba de breque, quando esteve preso em 1937, no Rio de Janeiro: "Não é conversa para rir". Incorporamos (e até nos inspirou o título do documentário) a música Guarânia da Lua Nova, de Luiz Vieira, citada pelas filhas e pela amiga Sineide. Nadja, a 1ª filha, pianista, compôs duas músicas após o desaparecimento do pai, em 1975. Sacha recitou a letra de uma delas, um bonito poema, e Hanya cantou a segunda, um lamento emocionante. Está completa a trilha sonora, portanto. A música, diz Nadja, "era uma coisa fundamental na nossa casa".

Nossa apuração via livros, periódicos e banco de dados, somada às entrevistas resultou em um material muito rico, que tornou difícil a seleção para a edição. Foi doída.

6. CONSIDERAÇÕES

O documentário é um filme leve, apesar do assunto dramático, como era a intenção da equipe, ao mostrar o lado humano, alegre, entusiasmado com a vida e esperançoso de Hiram.

A razão da luta na resistência contra a ditadura, pela volta ao estado de direito e por justiça em exposição contribui, acreditamos, para que nunca mais se repitam golpes e para a tortura jamais ser tolerada.

Às próximas gerações pensamos ser importante conhecer um pouco do que foi a efervescência do momento cultural e político do Pernambuco pré 1964

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNS, Dom Paulo Evaristo org. **Brasil Nunca Mais**: um relato para a História. Arquidiocese de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1983.

DOPS-SP. Dossiês e Prontuários. Arquivo do estado de São Paulo, disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriapolitica/fichas> , acessado em março de 2013.

BEZERRA, Gregório. **Memórias**: segunda parte: 1946 – 1969. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

CAVALCANTI, Paulo. **O caso eu conto como o caso foi**: A luta clandestina, memórias políticas, vol. 2 . 1ª ed. Recife: Ed. Guararapes, 1980.

_____. **O caso eu conto como o caso foi**: nos tempos de Prestes, memórias políticas, vol. 3 . 1ª ed. Recife: Ed. Guararapes, 1982

COELHO, Marco Antônio Tavares. **Herança de um sonho**: as memórias de um comunista. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COMISSÃO ESPECIAL SOBRE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS. **Direito à verdade e à memória**: Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos. Brasília : Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007

GÓES, Maria Conceição Pinto de. **A aposta de Luiz Ignácio Maranhão Filho**: cristãos e comunistas na construção da utopia. Rio de Janeiro: Revan; Editora UFRJ, 1999.

GÓES, Moacyr de. **O rio e o mar**. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

GORENDER, Jacob. **Combate nas trevas**. São Paulo: Ática, 2003.

MELO, Marcelo Mário de. **David Capistrano**: entre teias e tocaias. Recife: A Assembleia, 2001.

MIRANDA, Nilmário e TIBURCIO, Carlos. **Dos filhos deste solo**: mortos e desaparecidos políticos durante a ditadura militar, a responsabilidade do Estado. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008

MOVIMENTO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, **DHnet**, Projeto reúne informações sobre fatos, acontecimentos e personagens no contexto dos DH, banco de dados. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/dhnet/index.html>

PIRES, Meira. **História do teatro Alberto Maranhão**: 1904 a 05.03.1952. Natal: Fundação José Augusto, 1980.